



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

**Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da
força de trabalho**

**O TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO: ALGUMAS REFLEXÕES
SOBRE AS DETERMINAÇÕES POLÍTICAS NEOLIBERAIS NO AMBIENTE EDUCACIONAL**

ANA PATRICIA QUEIROZ NOBRE¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo discutir o trabalho docente no Brasil inserido no contexto latino-americano como reflexo de determinações externas, presentes no referido continente, e coordenadas por políticas do capital, mundialmente organizadas. Compreendendo o trabalho como a atividade específica do ser social, em sua dimensão ontológica, inserida dentro da tradição marxista buscamos, com esse trabalho, compreender a precarização do trabalho docente na perspectiva da totalidade, para além da mera aparência, daquilo que se oculta no real, da pseudoconcreticidade tão bem expressa por Kosik (1969). E fazendo um esboço do trabalho na América Latina, pretendemos fazer um breve panorama das determinações que afetam as políticas educacionais no Brasil e a precarização do trabalho docente. Nosso estudo utilizou a pesquisa bibliográfica como fonte principal para o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: América Latina, Precarização, Trabalho docente.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el trabajo docente en Brasil en el contexto latinoamericano como reflejo de determinaciones externas, presentes en ese continente, y coordinadas por políticas de capital, organizadas a nivel mundial. Entendiendo el trabajo como la actividad específica del ser social, en su dimensión ontológica, inserta en la tradición marxista, buscamos, con este trabajo, comprender la precariedad del trabajo docente desde la perspectiva de la totalidad, más allá de la mera apariencia, de lo que se esconde en lo real, de la pseudoconcreticidad tan bien expresada por Kosik (1969). Y al esbozar el trabajo en América Latina pretendemos brindar un breve panorama de las determinaciones que afectan las políticas educativas en Brasil y la precariedad del trabajo docente.

¹ Universidade Estadual do Ceará

Nuestro estudio utilizó la investigación bibliográfica como fuente principal para el desarrollo de este trabajo.

Palabras clave: América Latina, Precariedad, Trabajo docente.

Introdução

Compreendendo a importância de buscar um pensamento crítico como forma de conhecer a realidade, entendemos que buscar o conhecimento como compreensão da totalidade, além do que está empiricamente posto, é uma tarefa fundamental da criticidade no conhecer. A teoria não é por si mesmo a solução dos problemas sociais presentes no cotidiano, ela precisa ser um pensamento problematizante, reflexivo. A teoria não crítica, a prática não refletida, naturaliza a visão e pensamento das elites, reproduzindo uma sociedade estigmatizada e sem organização de classes. Por isso a importância de pensar para além do que vemos por realidade de forma crítica e transformadora.

Após a Segunda Guerra Mundial, a América Latina passou a integrar o sistema capitalista mundial seguindo a mesma política dos países que defendiam o desmonte do Estado do Bem-Estar Social, implantado na Europa no Pós-Guerra, o qual vai sofrer esse desmonte norteado por uma política neoliberal que propõe a ausência de intervenção estatal, redução de gastos e livre comércio, em diferentes áreas, principalmente as políticas sociais, em função do desenvolvimento do mercado capitalista e da busca pela liberdade do lucro.

Pensar o trabalho inserido dentro dessa perspectiva é fundamental para compreendermos as mudanças objetivas na produção, por exemplo, e as mudanças estruturais nas condições de trabalho como a precarização e a flexibilização, inclusive, regulamentada pelo Estado, através de reformas trabalhistas, retirando direitos, desestruturando os sindicatos e enfraquecendo a classe trabalhadora.

Trazemos, aqui, essa reflexão para pensarmos também as reformas educacionais e a “reestruturação”² do trabalho docente na perspectiva da política internacional de dominação. O professor, como um trabalhador, é também atingido e influenciado pelas políticas internacionais refletindo, na sua práxis, os ditames do capital mundial. As políticas neoliberais estão inseridas, assim, no ambiente escolar e o professor, como agente do processo de ensino, é também regido por essas políticas.

² A palavra reestruturação, que normalmente remete ao que é eficaz, é usada aqui no contexto de desregulamentação do trabalho.

O trabalho na América Latina

Em sua fase pré-colonização, a América Latina, representada pelos povos originários, tinha no trabalho coletivo sua forma de subsistência. Foi somente com a colonização do continente que o trabalho ganhou outra forma de expressão, deixando de ser comunitário para servir ao capital nascente, trazendo, inclusive o trabalho escravo como base para esse novo tipo de exploração. E “Foi desse intercâmbio mercantil que surgiu o *escravismo colonial*, modalidade de trabalho que se desenvolveu tanto nos territórios dominados pelos colonizadores portugueses quanto nas áreas controladas pelos espanhóis – como o Caribe” (ANTUNES, 2011 p. 18, grifos do autor) perdurando, oficialmente, no Brasil, por mais de 300 anos.

Somente ao longo do século XIX, por exigência da Inglaterra que exigia mercados consumidores para o excedente de produção e a expansão do capitalismo industrial, seguido de inúmeras rebeliões dos escravizados, é que será abolida a escravidão e implantado o trabalho assalariado nas colônias. Surge, portanto, uma demanda interna por outras formas de ocupação e fornecimento de bens de consumo, como as indústrias têxtil, alimentícia e metalúrgica. O Brasil, Argentina e Uruguai recebem um fluxo grande de imigrantes europeus em busca de trabalho (Antunes, 2011). Mas a população negra, mesmo liberta, permanece ainda sem meios de sobreviver, sem emprego, sem salário, sem habitação, pois não será opção imediata para a nova forma de trabalho emergente.

Já no século XX, os trabalhadores começam a se organizar e lutar por melhorias trabalhistas, alguns partidos comunistas surgem, mesmo que ainda na clandestinidade, e a burguesia nascente começa a criar sindicatos oficiais como forma de se antecipar às lutas sociais e enfraquecê-las.

A expansão industrial surgida nesse século sob o comando norte-americano com a indústria automobilística, traz uma nova configuração de produção que vai afetar toda a produção industrial mundial: o taylorismo e o fordismo, seguidas mais tarde, pelo toyotismo. Estes modelos de produção trouxeram princípios a serem obedecidos que influenciam a produção mundial até os dias de hoje.

Algumas políticas nacionalistas foram implantadas, no início do século XX, com o objetivo de fazer aliança entre os setores produtivos e a burguesia para a manutenção do sistema vigente,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

como exemplos temos o peronismo na Argentina e o getulismo no Brasil, porém a classe trabalhadora continuava a se organizar e lutar contra a exploração. E algumas revoluções, sucedidas de vários golpes militares em diferentes países do continente latino-americano, e a não adesão da população às políticas burguesas de “parceria” com a classe trabalhadora, pela própria condição de exploração sofrida por esta, vão resultar na adesão destes países às políticas neoliberais. Como afirma Antunes (2011):

Assim, pouco a pouco, a América Latina mergulhava no neoliberalismo dando os passos iniciais no processo de reestruturação produtiva, uma imposição dos capitais em escala global. Enfim, essa avalanche neoliberal trouxe consigo a desconstrução dos direitos sociais do trabalho, por meio das distintas formas de precarização. (p. 38)

O continente Latino americano, novamente, encontra-se alvo de uma nova forma de dominação externa, de ação imperialista, coordenada por um pequeno número de países, entre eles os EUA que farão uma política de dominação perdurando até os dias atuais.

A mundialização do capital e seus reflexos na América Latina

Esse capital internacional, ao definir suas expressões de dominação, afeta diretamente as políticas de Estado, fazendo com que este perca, relativamente, sua autonomia. É a política internacional de dominação que determina as novas configurações econômicas. O Estado se torna um executor das políticas mundiais e, mesmo perdendo parcialmente essa autonomia, ainda é importante que se constitua como tal, adequando-se às formas de dominação externa para fazer acontecer internamente os “acordos” internacionais.

Após a Segunda Guerra mundial, nos países debilitados pela guerra, as políticas voltaram-se para um reerguimento destes países com a implantação do Estado do Bem-Estar Social na Europa. Foi um período de cerca de trinta anos de relativa estabilidade, em que as políticas sociais foram fortalecidas buscando a garantia de direitos sociais e trabalhistas a todos os cidadãos.

Mas as ambições capitalistas caminharam no sentido oposto a essa intervenção, fazendo surgir o Estado Neoliberal e propondo uma série de mudanças significativas nas políticas nacionais de um modo geral, principalmente no trabalho e, nesse contexto, a América Latina é inserida significando “ sua entrega quase absoluta aos interesses da acumulação do capital e da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

especulação financeira, assim como a queda das responsabilidades sociais que faziam parte das obrigações do interesse coletivo dos Estados”. (COSTILLA, 1997, p. 20)

Configura-se na América Latina uma política imperialista exercida pelos EUA, na qual se investe na produção local, com máquinas e tecnologia americana e impedindo a produção de máquinas próprias. Essa superexploração da mão-de-obra barata vai tornar o continente dependente dessas políticas dominantes e executor destas.

Essa mundialização do capital trouxe aspectos determinantes aos países de economia nacional. Estes optaram por se associar, mesmo que de forma subordinada aos acordos internacionais de política neoliberal. A economia local, assim, perde sua identidade e se encontra enfraquecida pois, a regra agora é ditada pelo capital internacional. Como descreve Antunes:

Privatização, desregulamentação, fluxo livre de capitais, financeirização, terceirização e precarização do trabalho, desemprego estrutural, trabalho temporário, parcial, aumento da miserabilidade, todas essas prerrogativas da barbárie neoliberal e de sua reestruturação produtiva passaram a caracterizar o mundo do trabalho. (ANTUNES, 2011, p. 39)

A América Latina, incluindo o Brasil, vai passar por uma enorme reconfiguração no mundo do trabalho, diferentes formas de precarização irão se fazer presente na vida dos trabalhadores brasileiros, desde salários baixos, trabalhadores terceirizados, subcontratados, jornada de trabalho intermitente até os que permanecem na fila do desemprego como forma manutenção do sistema econômico vigente.

O Trabalho Docente no contexto da precarização do trabalho no Brasil

A precarização do trabalho é fato no retrato do trabalho na América Latina e o Brasil não permanece de fora desse contexto. Alguns fatores contribuíram direta e indiretamente para a precarização do trabalho docente no território nacional.

Sendo o trabalho docente um dos ofícios capazes de transformar o indivíduo enquanto ser social e, conseqüentemente, enquanto gênero humano, pelo espaço que o professor atua por excelência, o ambiente escolar, pode ser agente transformador dessas relações postas objetivamente. Pode ser ação de transformação do indivíduo e impulsionador de sua emancipação enquanto pessoa e enquanto classe social.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Todavia, é também considerado um trabalho improdutivo em relação ao trabalho material, à geração de capital imediato. E por ser considerado improdutivo, é também desqualificado em sua essência, havendo uma força tarefa para que o trabalho docente seja capaz apenas de formar mão-de-obra para o trabalho produtivo. E o professor, enquanto agente de mudança desse ser social, é também atacado enquanto classe trabalhadora.

Na corrida por lucros cada vez mais elevados, se impõe que a educação seja lugar de adaptação dos indivíduos às novas configurações do trabalho e que desenvolva habilidades cada vez mais eficientes para corresponder às novas formas de exigências do mundo do trabalho.

O ambiente escolar, em especial nas escolas públicas brasileiras, vai ser cenário de significativas expressões de precarização do trabalho docente. Falta desde um ambiente acolhedor, receptivo, limpo, até um suporte educacional mais amplo, pedagogicamente, psicologicamente e socialmente falando. Além das inúmeras cobranças por eficiência e resultados, o incentivo à competitividade, que também está presente no ambiente educacional, individualiza o professor fazendo com que este não se reconheça como classe.

Sobre o vínculo empregatício do professor na rede pública, a precarização está presente em diferentes formas relacionadas ao vínculo empregatício:

[...] A precarização perpassa pelo setor estável (concursado) do professorado nas redes públicas de educação básica sob as mais diferentes nuances e perspectivas, no entanto, ela é ainda mais intensa nos estratos dos trabalhadores docentes que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos e em condições de instabilidade cotidiana dentro do espaço público, dada pelo trabalho temporário, contratos de tempo parcial, por hora, entre outros. (SILVA, 2020, p. 117)

Contudo, mesmo os docentes concursados, com vínculo empregatício estável, sofrem também os reflexos da precarização no trabalho, pois, esta vai muito além dos vínculos empregatícios. Como afirma Alves (2013, p. 163):

A qualidade do emprego, [...] não pode ser aferida tão somente pela natureza do vínculo contratual (formal, informal ou mesmo, estável ou temporário), mas deve-se observar, principalmente, a dinâmica do vínculo sociometabólico proporcionado pelo trabalho, isto é, a relação trabalho-vida inscrita naquela experiência de trabalho assalariado.

Na interação profissional, o professor não é estimulado a trabalhar na coletividade, mas na competitividade, o que torna seu trabalho precário, não tem um objetivo maior que dar respostas imediatas cobradas pelo sistema, além de não se firmar enquanto categoria que luta por melhores condições trabalhistas. Essa forma de trabalho constitui uma herança do Toyotismo, citado



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

anteriormente, onde a cobrança por resultados torna-se intensa de tal forma que o professor é totalmente engolido por seu trabalho.

Além de toda essa cobrança por resultados positivos sem um suporte necessário no dia a dia do professor, a sobrecarga de trabalho deste só aumenta. Vimos aqui a busca por metas, por resultados, a premiação das escolas que conseguiram, a discriminação das que não “bateram a meta”, uma situação constrangedora de trabalho, capaz de tornar o trabalho desumanizado, estranho ao professor, muito bem explicitado por Linhart (2014, p. 46):

O sentimento de não estar “em casa” no trabalho, de não poder se fiar em suas rotinas profissionais, em suas redes, nos saberes e habilidades acumulados graças à experiência ou transmitidos pelos mais antigos; é o sentimento de não dominar seu trabalho e precisar esforçar-se permanentemente para adaptar-se, cumprir os objetivos fixados [...]. É o sentimento de não ter a quem recorrer [...], nem aos superiores hierárquicos (cada vez mais raros e cada vez menos disponíveis) nem aos coletivos de trabalho que se esgarçaram com a individualização sistemática da gestão dos assalariados e a concorrência entre eles. É o sentimento de abandono. É também a perda da autoestima que está ligada ao sentimento de não dominar totalmente o trabalho, de não estar à altura, de fazer um trabalho ruim, de não estar seguro de assumir seu posto. E isto porque a gestão moderna impõe que todos os assalariados administrem, em nome da autonomia e da responsabilização, as inúmeras disfunções de organização falha do trabalho (isto é, que não lhes proporcionam os recursos necessários para fazer frente às exigências do trabalho), ao mesmo tempo que intensificam de forma espetacular os ritmos de trabalho. O resultado é, frequentemente, o medo, a ansiedade, a sensação de insegurança.

Além das questões citadas acima, o professor se depara também, dentro da sala de aula, com a indisciplina, a ausência da família, violência doméstica, a fome, bem como vários reflexos da questão social na vida das crianças, aspectos estes que interferem totalmente na dinâmica da sala de aula. Sem também esquecer a falta de conhecimento e formação para receber bem o aluno especial e lhe proporcionar um bom desenvolvimento. Questões estas importantíssimas, que nem sempre têm a aptidão do profissional docente para intervir, pois muitos professores ou não possuem conhecimento adequado ou não tem nem mesmo tempo para tantas questões que atravessam a sala de aula.

Trazendo à tona todas essas questões, percebemos como a precarização está inserida no dia a dia do trabalho docente na rede pública de ensino. Somada ao insucesso da atividade docente, vem o adoecimento, a desqualificação, inclusive a criminalização do seu trabalho, por parte de estruturas governamentais e sociais.

As questões pertencentes ao mundo do trabalho docente mostram uma forma ainda mais agressiva do capitalismo pautada na desregulamentação das relações de trabalho que tem raízes nas políticas neoliberais. Uma educação na qual o Estado se esquivava do investimento necessário



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

para suprir suas necessidades educacionais, e desenvolve um empresariamento da educação que busca sempre o baixo investimento e a excelência nos resultados, um espaço cheio de contradições.

Assim sendo, busca-se formatar um novo tipo de trabalhador no âmbito educacional. Um professor flexível, que cumpra a todo custo as metas estabelecidas, que compreenda que os resultados positivos perante as avaliações externas são de extrema importância, inclusive para ele próprio, e que viva mais para o seu trabalho do que para desfrutar de sua própria vida.

Considerações Finais

Pensar o trabalho em níveis maiores, inserido num contexto mundial e continental, nos leva a compreender as várias determinações que estão por trás do ambiente escolar, atingindo diretamente o trabalho docente. As reformas neoliberais que afetaram toda a América Latina, e conseqüentemente o Brasil, trouxeram para o trabalho docente a missão de formar para o mercado de trabalho, de adaptar pessoas para servir ao capital.

As reformas educacionais, frutos de acordos internacionais, implantaram nas escolas uma espécie de empresariamento, de busca por resultados cada vez mais eficiente e a contrapartida estatal cada vez menor, por parte do Estado. No Brasil, já podemos ver um início de uma nova forma de precarização dentro da educação. Temos como exemplo o fato de o atual governo estadual do Paraná entregar a gestão de suas escolas públicas à rede privada (www.g1.globo.com), corroborando com as propostas neoliberais que veem na privatização a salvação de tudo, como afirma Gomes (*et al*, 2012, p. 275) que “o discurso conservador neoliberal equipara tudo que é estatal com a ineficiência, a corrupção e o desperdício, enquanto que a ‘iniciativa privada’ surge sublimada com a esfera da competência administrativa, da probidade e da austeridade”.

Diante do exposto acima nos deparamos ainda com algumas reflexões. O professor tão enfraquecido pelas condições em que se encontra no cotidiano do seu trabalho, não vê perspectivas de melhoras, nem tem fôlego para lutar por melhorias, individualizando cada vez mais o seu trabalho. Pois, o mesmo está absorvido pelo trabalho e, muitas vezes não se reconhece como pessoa para além do seu ofício de ensinar, como explicita Silva:



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A formação de um novo *ethos* do trabalho docente, baseado em valores individuais e mercadológicos, configura uma realidade que contribui para gerar um processo de conformidade e atomização destes profissionais, diante de seus processos de luta e resistência frente às reformas educacionais das últimas décadas. As atuais formas e tendências de precarização do trabalho docente são baseadas num modelo que instala um ambiente de competitividade dentro das escolas públicas, induzindo à fragmentação da carreira [...], além de dissuadir o senso coletivo dos trabalhadores em educação. (SILVA, 2020, p. 167, grifos da autora)

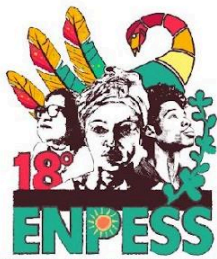
Observamos aqui a captura da subjetividade deste profissional que, através de um envolvimento total com seu trabalho e pela busca de resultados, não questiona nem percebe as condições nas quais está inserido. É uma realidade que perpassa as diferentes áreas de atuação do trabalho docente. Um profissional desgastado pelo trabalho diário e pelas cobranças por resultados cotidianamente. Dentro da lógica mercadológica da educação, há uma desqualificação do professor, que vira um mediador de processos, não mais um agente de transformação social.

O profissional docente está submetido a um grau de cobrança de produtividade que nada tem haver com a qualidade educacional. O trabalhar no sentido humanizador não pode ser quantificado. Quando se persegue números, o ranqueamento das escolas, se esvazia a qualidade do trabalho docente transformando esta atividade numa forma de adoecimento.

Contudo, o professor tem, na escola, espaços para ir de encontro a essas exigências, embora dentro de um sistema totalmente submetido à ordem internacional. O professor está enfraquecido e adoecido por suas condições de trabalho, e isto também serve de mecanismo para a manutenção do sistema vigente. É preciso, portanto, conhecer o meio em que está inserido, entender as questões que o cercam, para se fortalecer perante esse sistema opressor e selvagem e ser capaz de enfrentá-lo, constituindo-se como classe trabalhadora.

Educar é um ato de resistência fundamental para resgatar o processo de educação como processo humanizador, fora da mercantilização das relações. A escola deve ser espaço de humanização, de desnaturalização do que é socialmente construído, pois só desnaturalizando o que está posto é que podemos potencializar mudanças. A escola, portanto, deve ser o lugar de construção de laços afetivos e solidários, de construção de conhecimento crítico e deve estar a serviço da classe trabalhadora, fugindo da concepção mercadológica entranhada em seus espaços.

Bibliografia



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ALVES, Giovanni Antônio Pinto. A subjetividade às avessas: Toyotismo e “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital. In: **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v. 11, n.2, p. 223-239, 2008.

ANSALDI, Ansaldi. ¿Cómo investigar el enigma América Latina¿ Nueve proposiciones para capturar uma liebre muy esquiva. In: **Revista Estudios Latinoamericanos**, Nueva Época, n. 50, p. 19-50, jul/dec, 2022.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo, 2011.

COSTILLA, Lúcio Fernando Oliver. O Estado latino-americano perante a mundialização do capital. In: **Revista de Ciências Sociais**, v. 28, n.1/2, 1997.

COSTILLA, Lúcio Fernando Oliver. Introdução. In: COUTINHO, Joana A.; COSTILLA, Lúcio Oliver (org.). **Problemas teóricos do Estado Integral na América Latina: forças em tensão e crise**

GOMES, Marco Antônio de Oliveira; COLARES, Anselmo Alencar; COLARES, Maria Lília I.; BRASILEIRO, Tânia Suely A. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital e a precarização do trabalho docente. In: **Revista HISTEDBR On-line: Campinas**, n. 47, p. 267-283. Set. 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LINHARTE, Daniele. Modernização e precarização da vida no trabalho. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARINI, Ruy Mauro. O Estado de Contrainsurgência. In: **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 12, n.3, 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MOURA, Juliana da Sila; RIBEIRO, Júlia Cecília de Oliveira Alves; NETA, Abília Ana de Castro; NUNES, Cláudio Pinto. A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. In: **Revista Profissão Docente: Uberaba – MG**, v.19, n. 40, p. 01-17, Jan/Abr. 2019.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

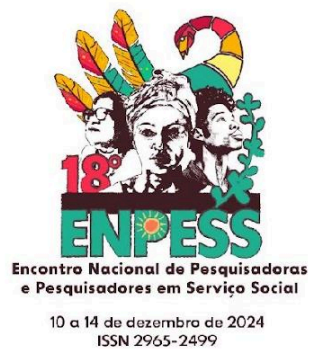
10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n.89, p. 1127-1144, Set/Dez 2004.

Portal G1: Entenda como empresas poderão administrar colégios públicos do PR e o que ainda precisa ser explicado. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/educacao/noticia/2024/06/04>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

SILVA, Amanda Moreira da. **Formas e tendências de precarização do trabalho docente: o precariado professoral e o professorado estável-formal nas redes públicas brasileiras**. Curitiba: CRV, 2020.



Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social